

CABALZAR, Aloisio. *Filhos da Cobra de Pedra: organização social e trajetórias tuyuka no Rio Tiquié (Noroeste Amazônico)*. Prefácio de Stephen Hugh-Jones. São Paulo, Edunesp/ISA; Rio de Janeiro, Nuti, 2009, pp. 362 il.

Fabiane Vinente dos Santos
Universidade de São Paulo

Velhas questões, novas respostas: explorando a organização social no Noroeste Amazônico

Preocupado com o desconhecimento sobre uma das áreas com maior diversidade cultural das Américas, no final da década de 1960 Gerardo Reichel-Dolmatoff chamou a atenção da comunidade acadêmica para a necessidade de pesquisas sobre o Noroeste Amazônico (Reichel-Dolmatoff, 1967). Até então pouco se sabia sobre os povos que habitam a vasta região banhada pelos rios Negro, Uaupés e Pirá-Paraná, abrangendo territórios no Brasil, na Colômbia e na Venezuela, embora alguns estudiosos já tivessem produzido a respeito. Em 1927, percorrendo a região pelo lado brasileiro como representante do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), Curt Nimuendaju elaborou um relatório abrangente, publicado quase trinta anos depois no *Journal de la Société des Américanistes* (1955), estabelecendo alguns conceitos e abordagens que ajudaram a caracterizar a região e que continuaram a ser refinados pelas pesquisas realizadas nas décadas seguintes, como o de exogamia linguística, o culto das flautas Jurupari e o casamento preferencial com primos cruzados. Irving Goldman também já havia realizado seu trabalho de campo entre 1939 e 1940 com os Cubeo do Rio Cassiquiare,

tendo publicado um capítulo sobre a área no *Handbook of South Americans Indians* (1948), mas sua monografia, o primeiro trabalho de etnografia sistemática na região do Uaupés e que até hoje permanece como fundamental, só foi publicada no início da década de 1960 (Goldman, 1963). Os anos 70 e 80 representaram a definitiva inclusão do Noroeste Amazônico como área de pesquisa, com a realização de várias etnografias que aprofundaram os dados existentes e abriram novas perspectivas para a compreensão da organização social daqueles povos cujas especificidades pareciam desafiar os modelos estabelecidos da etnologia, na maioria das vezes desenhados para os povos africanos.

O conhecimento acumulado por essas décadas de pesquisa apresenta hoje o Noroeste Amazônico de maneira bem diversa da que ocorria na década de 1960: ampliaram-se consideravelmente as informações sobre os povos locais e suas dinâmicas; foram esvaziadas as categorias importadas de outros contextos etnográficos, como a de “tribo”, para dar lugar a outras que, articuladas, mostraram-se mais adequadas à complexidade do campo, tais como a de *fratria* e *sib*, a especificidade do seu sistema dravidiano e a combinação entre língua, hierarquia e exogamia como termos básicos da constituição uaupesiana que contribuíram para o desvendamento da área. Ante tantas descobertas, que outros desafios o Noroeste Amazônico reservaria para a pesquisa etnológica?

Aloisio Cabalzar enfrenta essa questão no livro *Filhos da Cobra de Pedra: organização social e trajetórias tuyuka no Rio Tiquié (Noroeste Amazônico)*, abordando os determinantes da escolha matrimonial, a engenharia dos cálculos classificatórios de parentesco e os impactos da mobilidade territorial advindos das transformações sofridas nos últimos dois séculos por um dos dezoito grupos que habitam a região, os Tuyuka. Esta primeira etnografia deste grupo de língua tukano – que se concentra no Brasil sobretudo no Alto Rio Tiquié e interflúvio dos rios Tiquié e Papuri, afluentes do Rio Uaupés, que conta com uma população de

mais de 1.200 pessoas (do lado brasileiro) – foi baseada numa convivência de quase vinte anos do autor na região do Rio Tiquié. Em 1995, ele defendeu uma dissertação na Universidade de São Paulo, da qual o livro é uma versão revisada.

Na Introdução, Cabalzar faz uma breve apresentação dos Tuyuka e dos demais grupos linguísticos falantes do tronco Tukano Ocidental. Também apresenta aportes de sua história de contato no Brasil desde os primeiros registros no século XVIII, enfatizando o projeto colonial, o ciclo extrativista de látex que assolou a região, a implantação das missões salesianas no início do século XX, a descoberta de ouro no Rio Traíra na década de 1980 e o surgimento do movimento político indígena, fundamentado na luta pela demarcação das terras indígenas, constantemente ameaçadas pelos projetos desenvolvimentistas e por empresas mineradoras. A homologação das terras em 1995 criou condições para um projeto indígena de desenvolvimento local que contou com iniciativas como a criação da Escola Tuyuka Utapinopona em 1998, experiência de auto-gestão escolar indígena da qual o autor participou como assessor. É apresentado também um levantamento sociodemográfico sucinto dos Tuyuka no Brasil, com informações detalhadas sobre cada um dos territórios ocupados.

O primeiro capítulo, “Estrutura social do Uaupés: modelos e questões”, objetiva fazer uma necessária revisão bibliográfica dos principais trabalhos realizados entre os Tukano Orientais que abordaram o tópico da organização social: Irving Goldman (Cubeo), Artur Sorensen, Jean Jackson (Bará) e Christine Hugh-Jones (Barasana), Kaj Arhem (Makuna) e Janet Chernela (Wanano). Cabalzar destaca as principais categorias utilizadas por cada autor e, em seguida, dedica-se a uma leitura aprofundada de dois estudiosos que elaboraram comparações entre o Uaupés e outras áreas etnográficas: Joanna Overing e Eduardo Viveiros de Castro. O debate empreendido com esses autores leva Cabalzar a defender

a especificidade do modelo uaupesiano: os pressupostos conceituais utilizados para interpretar os sistemas sociais amazônicos não seriam completamente adequados, em especial os pares consanguíneo/afim, próximo/distante, cognato/não cognato, corresidente/não corresidente.

O segundo capítulo, chamado “Grupos de descendência tuyuka”, aborda as especificidades do modelo de parentesco tukano no caso tuyuka, no qual a categoria “filhos de mãe” apresenta-se como fundamental. Proposta pela primeira vez por Christine Hugh-Jones (1979) para os Barasana, embora não altere o padrão dravidiano – já que não descarta a diferença fundamental entre casáveis e não casáveis –, imprime uma categorização triádica ao modelo: parentes agnáticos (não casáveis), afins (casáveis) e os *siblings uterinos* ou “filhos de mãe”. Chamados *pakomaku* entre os Tuyuka, os *filhos de mãe* consistiria numa categoria formada pelos membros dos demais grupos pertencentes à mesma fratria dos Tuyuka, com os quais estes compartilhariam os seus afins, os Miriti-Tapuia e os Karapanã, também de fala tukano e com quem os casamentos estariam interditados. Nestas categorizações desempenham papel importante a língua e o contingente proximidade/distância espacial dos grupos, que matizam os contornos dos limites entre as categorias.

Outro aspecto que chama atenção na configuração da organização social tuyuka é a existência de duas formas de grupos locais: a primeira de corresidentes ligados agnaticamente, que constituem um mesmo segmento de sib localizado, e uma segunda, formada por segmentos de diferentes sibs e apoiada numa noção de descendência mais ampla. Tem como bases o compartilhamento da língua, da origem, e a exogamia, dimensionando a importância da genealogia, que, entretanto, não é suficiente para, sozinha, promover a unidade. Quando ausente, seria substituída por outros fatores derivados da descendência, embora tais configurações exijam um investimento muito maior para a negociação e a amenização dos conflitos, que tendem a ser mais frequentes entre os

não consanguíneos. Tais ajustes se refletem no uso da terminologia de parentesco, que passa a ser gerenciado, visando otimizar a coesão, nesses casos, precária. As modalidades de parentesco “novas”, advindas da necessidade de categorizar sujeitos antes não pertencentes às relações dos grupos, como o compadrio, desempenham um papel importante para este processo.

Depois de explorar as trajetórias dos sibs Tuyuka, privilegiando a mobilidade territorial e os fundamentos cosmológicos que a orientam, no terceiro capítulo, “Origem dos Tuyuka e recentes trajetórias no Tiquié”, o autor leva o debate para o campo empírico. O quarto capítulo, “Grupos locais”, detém-se na composição dos grupos, nos padrões de ocupação residencial, na sociabilidade e e e e nos usos da terminologia de parentesco. O processo que originou o fim das malocas entre os Tuyuka do lado brasileiro, por influência das missões católicas, tem destaque, pelo fato de ter contribuído na decomposição das representações espaciais e dos papéis das famílias corresidentes, alterando de forma irreversível a dinâmica da organização social do grupo. Proibidas pelos padres, tais construções, que ocupavam até os primeiros anos do século XX o papel de espaço ritual e moradia, foram social e simbolicamente esvaziadas com a adoção do padrão de casas nucleares, que separou em unidades domésticas grupos que outrora se organizavam com base na corresidência, modificando as alianças entre grupos exogâmicos e a relação de parentesco.

Essas transformações ficam claras com os dados levantados sobre a composição dos sibs tuyuka por grupo de descendência e e a relação entre os grupos domésticos e seus afins em cada um dos seis povoados tuyuka no Brasil. As conclusões apontam para alguns dados interessantes: apenas um quarto dos vinte grupos Tuyuka restringe a a presença de afins. Na maior parte dos casos, identifica-se uma abertura para a permanência destes com base em relações de aliança, subvertendo em parte

o ideal virilocal: corresidência, lembra o autor, é sinônimo de proximidade social. A distinção próximo/distante não é tão radical quanto se pensa. O parentesco agnático, assim como a afinidade, abarca, na esfera genealógica e espacial, diferentes valências para os componentes e diferentes gradações entre os dois.

Outra ordem de dados mostra que, ao contrário do modelo estabelecido por Viveiros de Castro, entre os Tuyuka não ocorre afinização dos consanguíneos distantes nem consanguinização dos afins próximos, mas a coafinização dos consanguíneos mais distantes – os já citados *filhos de mãe*, gerenciada de acordo com a ocasião, consistindo na manutenção terminológica dos afins e na “reconsanguinização” dos consanguíneos, possibilitando a ampliação do substrato que sustenta os grupos de descendência com a atualização de suas relações agnáticas: termos de coafinidade são sobrepostos aos do parentesco agnático. A utilização dos termos de coafinidade é mais frequente em lugares de composição de múltiplos sibs, nos quais são mais sensíveis os aspectos mais espinhosos das relações, como a hierarquia. Os termos de coafinidade contribuiriam para a atenuação dos conflitos inerentes a situações de assimetria presentes nesses povoados.

Após revelar os princípios que orientam o parentesco tuyuka, resta saber como ele é efetivado no cotidiano. No quinto capítulo, “Descrição da terminologia de parentesco”, o autor dedica-se justamente a esta tarefa, que é realizada com uma notável minuciosidade, possibilitando a visualização da dinâmica do emprego dos termos diferentes para afins, coafins e consanguíneos. “Casamento e reclassificação terminológica” é o sexto capítulo, que tem como alvo mostrar o funcionamento das relações de aliança e do casamento entre os Tuyuka, revelando no plano microsociológico a interferência do casamento e da residência no cálculo agnático, e no plano macro o papel da coafinidade entre os grupos exogâmicos.

Além de sintetizar uma “tipologia” dos casamentos entre os Tuyuka, o autor demonstra que as chamadas “classes de gerações” – um termo cunhado por Janet Chernela e utilizado por ele para abordar o ideal de casamento entre membros de grupos exogâmicos de sibs correspondentes dentro da hierarquia de cada um – funcionariam como um norteador das escolhas matrimoniais mediante busca pela equivalência de posição entre os sibs dos cônjuges ou mesmo pela perseguição de “projetos” hipergâmicos, pautados pela procura de parceiros entre membros de sibs mais elevados que o seu nos grupos correspondentes. Outros elementos, entretanto, também tem peso na seleção de cônjuges, como a questão geográfica (com o privilegiamento de parceiros que habitam mais a jusante do Rio Tiquié) e a busca pela composição de redes de aliança. Os Tuyuka tenderiam a construir ambientes mais cognáticos à medida que se afastavam de seu território tradicional, onde prevaleceriam relações de cunho agnático. Notadamente o que Cabalzar determina como nexos regional, noção que abordará com mais profundidade nos capítulos seguintes, abrigaria as redes de relações agnáticas mais consolidadas.

Os cálculos terminológicos revelariam, assim, aspectos importantes das duas lógicas vigentes na organização social tuyuka – a do grupo de descendência e a das redes de aliança –, pois seu uso privilegia o grupo de descendência, que prevalece até mesmo em casos de consanguíneos que habitam lugares geograficamente distantes e que, como já dito, não seriam afinizados. As conclusões apontam para uma tendência conservadora da terminologia, em que casos excepcionais representados por casamentos em novas redes de aliança não representam reclassificações significativas, o que é explicado pela tendência a conservar o universo de casáveis e a estrutura hierárquica dos níveis geracionais.

Merece nota a demonstração que o autor faz da engenharia do cálculo terminológico para homens e mulheres. Sempre valorizando demasiadamente o viés político, em geral as etnografias do Noroeste Amazôni-

co falam muito sobre o fato de que as mulheres são “estrangeiras” – personificando a alteridade dentro dos grupos agnáticos por conta dos princípios da virilocalidade e da exogamia – e que o segmento feminino das esposas constituiria, dentro dos grupos locais, circuitos de mulheres estigmatizadas por sua origem externa. Mas pouco se sabe sobre como estas mulheres orientam o uso de termos de parentesco no cotidiano das aldeias dos maridos. Cabalzar presta atenção nisso e observa que a relação das mulheres umas com as outras seria marcada pela utilização ampla de termos de coafinidade, refletindo o pouco peso que, para elas, teria o grupo agnático, mais valorizado pelos homens.

A elaboração de um modelo de organização social tuyuka é o objetivo proposto para o último capítulo: “Nexo regional tuyuka do alto Tiquié”. Reafirmando a tese da especificidade dos arranjos entre os princípios da exogamia/endogamia, consanguinidade/afinidade e descendência/aliança entre os Tuyuka, Cabalzar defende a definição de um sistema regional no qual seriam distinguíveis grupos centrais e periféricos, cada qual regido por um princípio: os primeiros pela descendência e os segundos pela aliança. Este sistema, chamado de “nexo regional”, pode abarcar diversas variações, de acordo com a posição relacional do grupo local em questão. Lembra o autor que, apesar do peso da agnação, nexos regionais podem ser de predomínio de outros grupos de descendência ou mesmo de formação cognática; e enfatiza o peso que relações de aliança mais localizadas podem ter no relacionamento entre grupos de descendência distintos.

O trabalho, de modo geral, ajuda a enriquecer a etnografia das terras baixas amazônicas ao apresentar novas possibilidades de rearranjo social, além das consagradas, demonstrando que ainda há muito a ser compreendido quando se trata de organização social. Cabalzar sustenta que o princípio que rege as relações tuyuka pauta-se pela busca de manutenção da identidade; e revela os mecanismos da sua manutenção, aju-

dando a entender como, num contexto marcado por relações dinâmicas entre grupos étnicos distintos, estes conseguem manter sua integridade identitária.

Um ponto fundamental a ser enfatizado em relação à pesquisa que dá origem à publicação é o peso do investimento numa etnografia de “longo prazo” num trabalho como o de Cabalzar. Numa época em que rareiam os investimentos financeiros e os estímulos a trabalhos de campo extensos nos programas de pós-graduação em Antropologia, a pesquisa, que abrange ao todo cerca de vinte anos, mostra que um trabalho de campo de longa duração pode ajudar na reflexão sobre a aplicabilidade dos conceituais “estabelecidos”, revelando neles matizes que vão além das respostas simples.

O Prefácio é do etnólogo Stephen Hugh-Jones. E o livro traz ainda reproduções de fotos antigas e recentes dos Tuyuka – estas últimas tiradas pelo próprio autor –, além de um anexo com onze mapas genealógicos dos sibs do Tiquié. Ao longo dos capítulos, o leitor conta ainda com mapas georreferenciados das áreas geográficas descritas e mapas genealógicos destinados a ilustrar didaticamente os casos mais particulares.

Bibliografia

GOLDMAN, Irving

1948 “Tribes of the Uaupés-Caquetá region”, in STEWARD, J. H. (org.), *Handbook of South American Indians*, New York, Cooper Square, v. III, pp. 763-98.

1963 *The Cubeo: indians of the Northwest Amazon*, Urbana, University of Illinois Press.

HUGH-JONES, Christine

1979 *From the Milk River: Spatial and temporal processes in Northwest Amazonia*, Cambridge/New York, Cambridge Press.

NIMUENDAJU, Curt Unkel

1955 “Reconhecimentos dos rios Içana, Ayari e Uaulpés”, *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, vol. 44 (1): 149-78.

REICHEL-DOLMATOFF, Gerardo

1967 “A brief report on urgent ethnological research in the Valpés area, Colombia”, *Bulletin of the International Committee on Urgent Anthropological and Ethnological Research*, Vienna, , International Union of Anthropological and Ethnological Sciences, n. 9:53-62